

AS TRADUÇÕES DE *SALOMÉ* PARA O INGLÊS

Luciana Kaross

Universidade Federal de Santa Catarina

RESUMO

A tradução feita por lord Alfred Douglas da peça *Salomé*, de Oscar Wilde, escrita originalmente em francês, causou certo desconforto em seu autor. Há rumores de que uma segunda tradução da peça para o inglês seja uma revisão feita pelo próprio Oscar Wilde do texto produzido pelo seu primeiro tradutor. Ainda que se tenham dúvidas quanto ao tradutor da segunda versão da peça, essas duas traduções figuram nas antologias de Oscar Wilde, raramente acompanhadas do texto de origem. Essas traduções são atribuídas a lord Alfred Douglas ou dedicadas a lord Alfred Douglas. Esta última é considerada como uma possível revisão de Oscar Wilde.

Palavras-chaves: Tradução, Oscar Wilde, *Salomé*.

ABSTRACT

Lord Alfred Douglas's translation of Oscar Wilde's *Salomé*, originally written in French, provoked a certain uneasiness in the author. There are some rumours about a second translation into English being a revision Oscar Wilde himself had done from the text produced by its former translator. Although some doubts still remain over the name of the translator for the second version of the play in English, these two translations appear in anthologies of Oscar Wilde's texts, rarely accompanied by the original text. Both translations are attributed or dedicated to Lord Alfred Douglas. The last one is considered a possible revision from Oscar Wilde.

Keywords: Translation, Oscar Wilde, *Salomé*.

Este artigo propõe-se a analisar as traduções para a língua inglesa da peça *Salomé* comparativamente ao texto que a originou, em francês, com o objetivo de discutir a autoria desta segunda tradução. A fim de buscar subsídios que sustentem minha argumentação a respeito da autoria da segunda versão da tradução para o inglês, serão utilizados, também, outros textos do autor, sua biografia e cronologia de suas obras, bem como textos de seus estudiosos.

Composta em 1891, *Salomé* encontrou sua protagonista quando Sarah Bernhardt ouviu a leitura da peça, na casa do autor. Infelizmente, por tratar de motivos religiosos, a peça não pôde ser encenada no Reino Unido. Em 1893, a peça é publicada na França e, em 1894, é publicada a sua tradução para o inglês. Uma outra tradução publicada ainda em 1894, e atribuída a uma revisão de Oscar Wilde, é dedicada a lord Alfred Douglas. Finalmente, em 1896, a peça é produzida em Paris.

O tradutor brasileiro de *Salomé*, João do Rio, preferiu adotar a segunda versão do inglês. Tal escolha foi sustentada pelo restaurador da tradução de João do Rio, feita em 1920, Arthur Nestrovski (1993, p. 09), na apresentação do volume, argumentado que "(...) seu texto de partida foi não o original de Wilde, em francês, mas a tradução inglesa, cuja autoria até hoje se disputa, mas que é provavelmente a obra de lord Alfred Douglas, retrabalhada depois pelo autor".

Tais suposições quanto à autoria das traduções não estão calcadas em nenhum indício factual, pois grande parte dos documentos referentes a Oscar Wilde foi destruída quando da sua prisão, em 1897. Em suas cartas, Oscar Wilde não faz nenhuma referência direta a uma provável revisão que estivesse produzindo.

Segundo Lewis Broad (1970, p. 126), *Salomé* é "uma obra de arte indiscutível. Dentro de seu estilo é uma perfeição, uma obra artística sem nenhuma nota dissonante". Oscar Wilde compartilhava da mesma opinião, pois em sua carta, *De Profundis*, o autor enaltece a valor poético de seu texto e lamenta a tradução produzida por lord Alfred Douglas. As exatas palavras ditas por Wilde foram transcritas no livro de Lewis Broad, em que Oscar Wilde descreve os problemas por ele encontrados na tradução como erros de colegial e uma tradução tão indigna de lord Alfred Douglas, quanto de um simples universitário de Oxford. Então, a partir desta primeira e malfadada tradução, ele teria produzido uma revisão cuja autoria não assumiu, mas dedicou ao amigo.

Comparando-se as duas traduções feitas para o inglês, constatamos que as diferenças entre as duas são realmente poucas,

deixando clara a intenção da revisão. As diferenças, no entanto, distanciam semanticamente os dois textos.

Logo na descrição do cenário encontramos a primeira diferença substancial: a iluminação na qual a peça vai-se desenrolar. No original francês, a partir de agora denominado (F), lemos *Clair de lune*. Na tradução atribuída a lord Alfred Douglas, a partir de agora denominada (LAD), temos *Moonlight*. Na revisão atribuída a Oscar Wilde, a partir de agora denominada (ROW), encontramos *The moon is shining very brightly*. Podemos perceber que a iluminação nas três peças não é a mesma. A expressão francesa não nos dá indicações da intensidade da iluminação da lua, assim como acontece na tradução de (LAD), já a (ROW) dá um brilho extra à lua. Incrivelmente, a tradução brasileira, que se baseou na (ROW), descreve a iluminação da seguinte forma: “A lua brilha fracamente”. Se Oscar Wilde realmente realizou a revisão, por que ele teria modificado a iluminação da peça que considerava, à época, sua obra-prima? A iluminação mais forte daria maior visibilidade ao palco, no entanto, tal iluminação provocaria uma perda na função dramática impressa na versão original. Uma vez que a peça não poderia ser representada no Reino Unido devido ao seu teor religioso, por que o autor estaria preocupado com a iluminação? Levar a peça a outros países de língua inglesa seria a resposta mais óbvia, não fossem estes países colônias ou ex-colônias britânicas com uma moral similar ou ainda mais intolerante do que a encontrada na matriz.

Mais adiante, as personagens discutem sobre os deuses adorados pelos convivas. O nubiano confia como agem os deuses de sua terra apesar dos sacrifícios oferecidos pelo seu povo, em (F) *Mais il semble que nous ne leur donnons jamais assez, car ils sont très durs envers nous*. Em (LAD), lemos *But it seems we never give them quite enough, for they are very harsh to us*. A (ROW) transfere a impessoalidade da frase da primeira tradução (*il semble – it seems*) para uma observação mais pessoal, quando escolhe a seguinte oração: *But I am afraid that we never give them quite enough, for they are very harsh to us*. Na versão

original e na (LAD) a personagem apenas comunica o fato, elocubrando sobre a razão da dificuldade no relacionamento com os deuses. Todas as falas dão a impressão de que a personagem julga o poder dos deuses, mas a personagem da revisão lamenta o fato de não os satisfazer e demonstra saber que as ofertas não são suficientes. A personagem da (ROW) é mais direta na sua demonstração de discordância quanto ao julgamento dos deuses. A versão atribuída a Oscar Wilde promove uma nova leitura de seu original ao escolher um discurso que não deixa dúvidas quanto à razão da ira dos deuses, pois a personagem parece estar consciente da relação existente entre as divindades e os seres humanos.

Mais adiante, há modificações que tornam o texto mais próximo à realidade do país da língua de chegada, devido a questões culturais, vejamos os exemplos nas três versões:

(F) Quand il viendra la terre déserte se rejouira. Elle fleurira comme le lis.

(LAD) When he cometh, the solitary places shall be glad. They shall blossom like the lily.

(ROW) When he cometh, the solitary places shall be glad. They shall blossom like the rose.

Aqui percebemos que “a terra deserta” foi transformada em “locais solitários”, o que, semanticamente, não oferece a mesma proporção de devastação e infertilidade na medida em que lugares abandonados, geralmente, possuem grande quantidade de espécies, tanto em sua fauna quanto em sua flora; já os desertos, carecem de toda fonte de vida. Coerente com esta transformação “ela” (*elle* – a terra deserta) foi traduzida por “eles” (*they* – os locais solitários) em ambas as traduções para o inglês. No entanto, o desabrochar destes locais é comparado a flores diferentes. Em (F), assim como em (LAD), temos a flor de lis; já em (ROW) temos a rosa. A rosa, da última tradução, possui um apelo mais forte entre os ingleses por ser um símbolo nacional.

Essa alegoria demonstraria aos ingleses a sua capacidade de reconstrução, de renascerem ante as adversidades.

No entanto, esta nunca pareceu ser a intenção de Oscar Wilde. Na introdução escrita por seu filho, Vyvyan Holland (1989, p. 12), para *The Complete Works of Oscar Wilde* temos a revelação de que com a proibição de representação de *Salomé* nos palcos britânicos, Oscar Wilde “announced his intentions of renouncing his British nationality and becoming a Frenchman, there being no restrictions in France”¹. Sendo assim, por que ele procuraria enaltecer uma nacionalidade que, em algum momento, pensou em renunciar? Não havia em Oscar Wilde nenhuma intenção de angariar a simpatia do público britânico através de subterfúgios como o supracitado. Oscar Wilde queria ser aceito por suas próprias idéias e não por afirmações oportunistas.

Outra diferença importante presente nas versões é a inversão de partes das falas das personagens, como se vê em (F) *Pourquoi lui parler? Pourquoi la regarder? ... Oh! il va arriver un malheur, em comparação com as outras duas traduções. Em (LAD) temos Why do you speak to her? Why do you look at her? Oh! Something terrible will happen, enquanto em (ROW) lemos Why do you speak to her? Oh! Something terrible will happen. Why do you look at her? A simples inversão na ordem das frases implica em uma mudança na origem da maldição. Na versão atribuída a lorde Alfred Douglas, assim como no original francês, falar e olhar para a princesa são prenúncio de que algo de mau pode acontecer. Na versão atribuída a Oscar Wilde, este mesmo sentimento se dá apenas ao falar com a princesa. O problema desta redução ocorrida na segunda versão torna-se mais evidente quando estamos de posse do texto integral, pois a personagem que produz esta fala repete com bastante frequência a seqüência: “Por que você está olhando para a Princesa? Algo de terrível vai acontecer!” A nova versão quebra esta seqüência e pode ser um artifício no intuito de chamar a atenção do espectador, resignificando seu poder de previsão. Fosse essa a intenção de Oscar Wilde ao realizar uma*

¹ Tradução: anunciou suas intenções de renunciar à nacionalidade britânica e tornar-se francês, por não haver restrições na França.

segunda tradução de *Salomé*, o texto original em francês também poderia ter sido revisado a tempo de figurar na representação da peça em Paris, em 1896, o que não foi feito. Logo, a transferência da fala foi proposital para a suposta revisão do autor apenas para o texto que seria lido em inglês, mas não previa a mudança da cena que seria apresentada ao público.

Além destas inversões nas falas das personagens, ainda há omissões de trechos ou mesmo de falas inteiras. A fim de ilustrar estas omissões, foram selecionadas duas passagens. A primeira é uma súplica do pajem de Heródias, mãe de *Salomé*:

(F) Ne la regardez pas. Je vous prie de ne pas la regarder.

(LAD) Do not look at her. I pray you not to look at her.

(ROW) I pray you not to look at her.

Nesta passagem percebemos que o jargão “não olhe para ela” que vinha sendo repetido ao longo de toda a primeira parte do texto foi retirado, permanecendo apenas a súplica. As versões francesa e a de (LAD), que se utilizam da repetição da frase, colocam uma nova ênfase ao jargão, dando ainda mais força ao prenúncio. A repetição é um recurso lingüístico que foi relegado na versão de (ROW). Sabendo-se que o espectador não possui o texto em mãos durante o espetáculo, a repetição em textos teatrais serve para chamar a atenção do público para um aspecto crucial ao entendimento dos fatos que se seguirão. Ainda que esta frase já tenha sido dita mais de uma vez ao longo do texto, essa repetição tão próxima prenuncia a iminência do mal, enquanto a fala em (ROW) apenas reforça o desejo de que a personagem em questão interrompa a ação.

A segunda passagem é uma fala de *Salomé*, respondendo a um escravo que trazia uma mensagem do Tetrarca para que ela retornasse à festa. Os três textos aparecem como segue:

(F) UN ESCLAVE. Princesse, le tetrarque vous prie de retourner au festin.

SALOMÉ. Je n'y retournerai pas.

LE JEUNE SYRIEN. Pardon, princesse, mais si vous n'y retourniez pas il pourrait arriver un malheur.

(LAD) THE SLAVE: Princess, the Tetrach prays you to return to the feast.

SALOMÉ: I will not go back.

THE YOUNG SYRIAN: Pardon me, Princess, but if you do not return some misfortune may happen.

(ROW) THE SLAVE: Princess, the Tetrarch prays you to return to the feast.

THE YOUNG SYRIAN: Pardon me, Princess, but if you return not some misfortune may happen.

Ambos os textos, (F) e (LAD), mostram uma faceta de Salomé: sua autonomia e resistência a qualquer imposição. Nesses dois textos, Salomé mostra sua personalidade forte e a imposição de sua vontade sobre a de qualquer outra pessoa, sua determinação de conseguir o que deseja. A versão produzida por (ROW) retira esta fala, ou seja, Salomé não só não esboça qualquer reação quando recebe o recado do Tetrarca como também ouve as opiniões do escravo e de um conviva sem reagir a elas, como conviria a uma princesa cuja vida fosse determinada pelos seus superiores. Mas Salomé não é assim. Ela exige o que quer e, quando não o consegue por vias diretas, usa de subterfúgios para alcançar seus objetivos, como barganhar com o Tetrarca sobre a vida do profeta em troca de uma dança.

Ao retirar esta fala, Oscar Wilde não apresenta a personalidade arredia da personagem, deixando para mais tarde a revelação de sua obstinação em alcançar o profeta; quando a

personagem, contrariando todos os conselhos, dirige-se a cisterna e exige que o profeta a beije. Ainda que os atos falem por si mesmos, o não-retorno da princesa não substitui a fala. Ao expressar verbalmente sua resolução de não voltar à festa, Salomé deixa clara a sua vontade e a pouca influência que a hierarquia exerce sobre ela. O poder do Tetrarca e, conseqüentemente, de todo o reino é posto à prova quando esta fala é produzida. Esta fala desencadeia a rebeldia da personagem e demonstra o poder que ela possui sobre o Tetrarca, que fará o que ela quiser. Foi esta fala que, provavelmente, levou Salomé ao seu final trágico. O ato da insubordinação, dissociado da fala, pode transparecer, a princípio, um ato impensado, uma ação levada a cabo em um momento de impulso; o que não era o caso desta personagem em especial. O suspense causado por esta ausência, no entanto, traz mais força à cena da barganha, pois toda a trama estaria sendo arquitetada na mente de Salomé e seria revelada quando melhor lhe conviesse.

Ao realizar estas modificações no momento de traduzir o texto para sua língua materna, o autor poderia redimensionar seu texto, resignificando certas cenas e distribuindo o peso das falas de modo a melhor atingir este novo público, respeitando seu gosto e o padrão ao qual estavam acostumados. No entanto, esta não pareceu ser a intenção desta segunda tradução para a língua inglesa. Ao compará-la à tradução atribuída a lorde Alfred Douglas e ao texto original em francês, percebemos que, na verdade, o vocabulário geral utilizado pelos dois tradutores é bastante semelhante; confirmando-se aqui a hipótese de a segunda tradução ser mesmo uma revisão da primeira. Revisão esta que escolheu pontos em especial para trazer à tona sua marca.

Segundo Broad, lorde Alfred Douglas chegou a afirmar que o texto original de *Salomé* teria sido escrito em inglês e, posteriormente, transferido para o francês com o auxílio de André Gide. Assim, o texto atribuído a Oscar Wilde seria anterior à tradução realizada por lorde Alfred Douglas e as pequenas diferenças - tanto sintáticas quanto semânticas - seriam fruto das modificações realizadas para o texto francês, que serviu de original

para a tradução de Douglas. No entanto, esta afirmação é refutada por Gide, que confirma ter lido a peça em francês durante as várias fases de sua criação e ter realizado apenas algumas correções.

A simples confrontação dos três textos nos mostra que a (ROW) se afasta levemente do original, enquanto a não-revisão está mais próxima a ele. Por que o autor teria feito críticas tão duras ao seu tradutor, sendo ele alguém tão próximo, e realizaria uma revisão, na qual percebemos algumas mudanças substanciais, sem assumir esta revisão? A leitura das críticas feitas por Oscar Wilde a lorde Alfred Douglas demonstra o quanto o autor preza seu texto e dão a entender que quaisquer modificações em suas palavras não eram bem-vindas. Sendo assim, ele mesmo não as faria.

A tradução dedicada à lorde Alfred Douglas, não é, portanto, de Oscar Wilde. Além da razão acima citada, existem mais três motivos que descartam o fato do autor ter publicado uma tradução anônima de sua peça.

A primeira diz respeito ao fato do primeiro tradutor ter sido lorde Alfred Douglas. Devido à grande amizade que os unia, Oscar Wilde poderia ter ficado receoso de magoar seu amigo publicando logo após o trabalho de lorde Alfred Douglas uma revisão de sua tradução. O amigo poderia melindrar-se ao ver uma assinatura de Wilde pondo por terra todo o trabalho que havia realizado e esse fato tumultuaria ainda mais a relação instável que mantinham. Entretanto, este argumento torna-se pouco plausível quando lemos as palavras ditas a lorde Alfred Douglas quando da publicação da tradução. Provavelmente as palavras “erros colegiais” e “tradução indigna de qualquer aluno de Oxford” foram mais fortes e mais impactantes para o relacionamento do que uma publicação revista da tradução que trazia algumas modificações ao conteúdo do texto. Poder-se-ia argumentar que a reação, em forma de cartas, de lorde Alfred Douglas a estas palavras poderia ter causado certo receio ao autor de assumir sua revisão. Neste caso, Oscar Wilde não faria a publicação. O relacionamento entre eles foi, mais de uma vez, posto acima do trabalho literário de Wilde, tendo ele deixado de escrever durante

um retiro que fez no intuito de terminar uma peça devido à presença do amigo e seus desejos por companhia. As cartas indignadas de lorde Alfred Douglas o impediriam de tomar qualquer atitude pública em relação ao texto de *Salomé*. Ele não publicaria uma revisão anônima que pudesse suscitar quaisquer dúvidas em lorde Alfred Douglas quanto a sua autoria e tornar ainda mais instável sua relação.

Além disso, a data das publicações das traduções é 1894. Nesta época, o prestígio de Oscar Wilde era ascendente. Suas peças estavam cada vez mais concorridas e ele ainda iria produzir o seu maior sucesso de crítica e de bilheteria: *The Importance of Being Earnest*, no ano seguinte. Tamanho prestígio não seria posto de lado ao deixar de publicar seu nome em um trabalho. Caso a revisão tivesse sido feita pelo autor, porque ele deixaria de colocar seu nome na capa? Esta revisão provavelmente desprestigiaria a tradução realizada por lorde Alfred Douglas, no entanto, daria maior prestígio a Oscar Wilde na medida em que mostraria a sua preocupação em oferecer seu texto ao seu público em sua língua materna. Poder-se-ia argumentar que o não-aparecimento do nome do tradutor significaria que a tradução teria sido feita pelo próprio autor sendo, portanto, desnecessário figurar seu nome uma segunda vez, o que configuraria, assim, a obra como uma peça original. Esta hipótese poderia receber o reforço da dedicatória a lorde Alfred Douglas que figura nesta segunda tradução. Essa dedicatória serviria como um pedido de desculpas pelas palavras duras com que o autor teria classificado sua tradução. No entanto, este argumento não é confirmado pelos acontecimentos biográficos de Oscar Wilde. Nesta mesma época, o Marquês de Queensberry, pai de lorde Alfred Douglas, já havia iniciado a série de provocações públicas a respeito do relacionamento existente entre seu filho e o escritor. Oscar Wilde não forneceria, ao escrever esta dedicatória, motivos para os escândalos do marquês, nem produziria material que pudesse ser usado contra ele. Além disso, a dedicatória poderia ser encarada por lorde Alfred Douglas como uma afronta ao seu trabalho anterior. Depois das farpas trocadas entre o escritor e seu tradutor através de cartas e do perdão recebido, também por carta, em

uma das quais podemos ler a agradecimento e devoção de Oscar Wilde por seu tradutor (*I am happy in the knowledge that we are friends again, and that our love has passed through the shadow and the night of estrangement and sorrow and come out rose-crowned as of gold*)², o autor não ousaria tocar no assunto novamente e trazer à tona as divergências que provocaram uma separação de três meses.

Por fim, e, ao meu ver, o motivo mais forte para que a segunda tradução de *Salomé* para a língua inglesa não seja creditada a Oscar Wilde aparece no livro *The Complete Works of Oscar Wilde: Stories, Plays, Poems and Essays*. Ali o texto de *Salomé* aparece em sua tradução, o original francês é deixado de lado e logo abaixo do título aparecem as frases: “A Tragedy in one Act. Translated from the French of Oscar Wilde by Lord Alfred Douglas”. Esta referência é confirmada nos créditos na forma de um agradecimento à propriedade literária de lord Alfred Douglas. Esta edição foi prefaciada por Vyvyan Holland, filho mais novo de Oscar Wilde, que em nenhum momento colocou em dúvida a autoria da tradução de lord Alfred Douglas nem exigiu a autoria de uma segunda tradução a seu pai. Esta segunda tradução, que recebe o rótulo de revisão, não é sequer citada por Vyvyan. Houvesse seu pai realizado uma tradução de uma de suas melhores peças e tendo sua vida e fortuna destruídas por amor a lord Alfred Douglas, por que Vyvyan manter-se-ia fiel a esta tradução de lord Alfred Douglas?

Logo após a morte de Oscar Wilde, toda sua obra passou às mãos de seu testamentário literário, Robert Ross. Esta suposta revisão feita por Oscar Wilde também nunca foi defendida por Robert Ross, que, após a sua morte, devolveu os originais do escritor aos remanescentes da família Wilde, então renomeada Holland após o banimento das obras e da reputação de Oscar.

Ademais desses três motivos, existe um quarto cuja comprovação pode ser questionada, mas que não pode ser

² Tradução: Fico feliz em saber que somos amigos novamente, que nosso amor atravessou as sombras e a noite de estranhamento e de pesar e ressurgiu coroado de rosas com se fora de ouro.

descartada. Oscar Wilde tinha um grande orgulho de suas obras, ele apreciava o brilho da fama e não perderia a oportunidade de ver seu nome sob os holofotes. Oscar Wilde não faria uma tradução de uma peça por considerá-la uma obra única, com toda musicalidade, poesia e beleza que só podem ser admirados em seu original. Antes mesmo da representação de *Salomé* ao público, o autor, em suas cartas, já mostrava grande entusiasmo por uma nova peça que estava escrevendo: *The Importance of Being Earnest*. Ele não teria tempo para ficar retrabalhando uma obra que, ele sabia, não seria encenada e não lhe traria qualquer glória no país onde residia.

REFERÊNCIAS

- BROAD, Lewis. *Amizades e Loucuras de Oscar Wilde*. Tradução de Jorge Maia e R. Magalhães Júnior. 2.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970.
- HOLLAND, Vyvyan. Introduction. In: WILDE, Oscar. *The Complete works of Oscar Wilde: Stories, Plays, Poems and Essays*. London: HarperPerennial, 1989. P. 9-14.
- HOLLAND, Merlin, HART-DAVIS Rupert (org). *The Complete Letter of Oscar Wilde*. New York: Henry Holt and Company, 2000.
- NESTROVSKI, Arthur. Apresentação. In: WILDE, Oscar. *Salomé*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1993.
- WILDE, Oscar. *De Profundis and Other Writings*. 10.ed. London: Penguin Books, 1986.
- WILDE, Oscar. *Salomé*. Project Gutenberg Impressum. http://www.farid-hajji.net/books/fr/Wilde_Oscar/sa-index.html último acesso em: 12 de junho de 2006.
- WILDE, Oscar. *Salomé*. In: WILDE, Oscar. *The Complete Works of Oscar Wilde: Stories, Plays, Poems and Essays*. Tradução de Lord Alfred Douglas. London: HarperPerennial, 1989. P. 552-575.

WILDE, Oscar. *Salomé*. (Suposta) Tradução de Oscar Wilde In: WILDE, Oscar. *The Importance of Being Earnest and Other Plays*. 3.ed. New York: Signet Classics, 1985. P. 1-38

WILDE, Oscar. *Salomé*. Tradução de João do Rio. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1993.